**Requerimento n~~º~~ \_\_\_ / 2010**

**A Excelentíssima Senhora**

**NOELI STOPASSOLA SOARES**

**Presidenta da Câmara de Vereadores**

**Canela – RS**

Senhora Presidente:

O Vereador que este subscreve, no uso de suas atribuições legais e regimentais, requer seja inserido nos Anais da Casa, cópia da matéria intitulada “Para o Senador Simon, PMDB trocou dignidade por cargos”, na Entrevista Especial do Caderno de Política, publicada no Jornal do Comércio, paginas 22 e 23, da edição do dia 21 de junho de 2010.

Certos de poder contar com vossa atenção e compreensão.

Atenciosamente,

Câmara de Vereadores, 21 de junho de 2010.

.

**FELICIANO FOSS**

Vereador – PP

|  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
|

|  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| [**Página Inicial**](http://jcrs.uol.com.br/site/index.php) > [**Política**](http://jcrs.uol.com.br/site/categoria.php?IdCont=13&codn=25)  |  | [COMENTAR](http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=31640&codp=25&codni=3) |  | IMPRIMIR |  | [CORRIGIR](http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=31640&codp=25&codni=3) |  | [ENVIAR](http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=31640&codp=25&codni=3) |  |  |

 |

**Notícia da edição impressa de 21/06/2010**

Para o senador Simon, PMDB trocou dignidade por cargos

Gisele Ortolan

“Tínhamos um acerto (de coligação) com Zambiasi, um ano atrás, que falhou” Foto: Fredy Vieira/JC

O presidente do PMDB do Rio Grande do Sul, senador Pedro Simon, avalia nesta entrevista ao **Jornal do Comércio** as eleições de outubro. Ele lamenta que a cúpula nacional da sigla tenha optado pelo fisiologismo ao invés de bancar a candidatura própria à presidência da República. A prática, de acordo com Simon, ocorreu no governo de Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e se repetiu nos mandatos de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). “O PMDB fez um acordo. Trocou a dignidade por meia dúzia de cargos.”

A convenção nacional escolheu o deputado Michel Temer (PMDB-SP) para vice da presidenciável petista Dilma Rousseff. O senador cobra coerência da executiva, que intervém em estados como Santa Catarina e autoriza posições dissidentes em outros, como São Paulo e Pernambuco.

Em relação ao cenário estadual, Simon foi evasivo ao comentar a possibilidade de o candidato do PMDB ao Piratini, José Fogaça, dividir o palanque com Dilma ou com o tucano José Serra.

**Jornal do Comércio - Como avalia o cenário eleitoral? A disputa no Estado será entre Yeda Crusius (PSDB), Fogaça e o petista Tarso Genro?**

**Pedro Simon** - Se analisarmos a situação do PMDB, vamos lamentar o que aconteceu, porque defendíamos candidatura própria (à presidência da República). O partido que tem a maior legenda, nominata, número de governadores, parlamentares municipais, estaduais e federais deveria ter candidatura própria. Lamentavelmente, o comando do PMDB, há algum tempo, vem fazendo uma troca de cargos por apoio. Oito anos com o Fernando Henrique, oito anos com o Lula. E o nosso esforço dramático caiu por terra na convenção. Então, é importante a nossa caminhada no Rio Grande do Sul. Fizemos uma aliança positiva com o PDT, revisando uma história que começou lá no velho PTB e continuou no MDB.

**JC - A campanha será polarizada entre PMDB e PT?**

**Simon -** Yeda está com chances, e a aliança que está formando faz com que se possa reconhecer que há três candidaturas com força no Estado: Yeda, Tarso e Fogaça. Fogaça e Pompeo formam uma dupla mais homogênea e com maior representatividade. O Rio Grande do Sul viveu momentos de grande tumulto, contestação e dificuldades tanto no atual governo quanto no do PT, ao contrário da serenidade do governo Germano Rigotto (PMDB). O que vem acontecendo nos seis anos do governo Fogaça na prefeitura de Porto Alegre é uma demonstração da expectativa que temos: a de que nos próximos anos o Estado não viva nesse ambiente de radicalização, de chimangos e maragatos.

**JC - E Tarso?**

**Simon** - O candidato Tarso disse que dinheiro tem à vontade, só que o Rio Grande está de costas para Brasília. Não penso assim. O Estado não pode estar de costas para o governo federal, mas o governo federal também não pode atender às pessoas conforme o partido. Por isso, a perspectiva que temos é de que Fogaça é o candidato que une o Rio Grande. Esse é o estilo de governo que ele vai fazer. Na gestão atual, de Yeda, sofremos muito. Fogaça significa o entendimento. Não tenho dúvida de que, com a presidente Dilma ou com a presidente do PV (Marina Silva) ou com Serra, Fogaça e Pompeo terão entendimento, buscarão para o Rio Grande aquilo que o Estado tem direito.

**JC - O senhor entende que a União e o governo Lula tratam os estados de forma diferente?**

**Simon** - O Rio Grande do Sul ao longo da história, e não é culpa de Lula nem FHC, vem sendo judiado pelos governos federais, a começar pelos presidentes da República gaúchos. O próprio Getulio Vargas - adoramos Getulio, foi o maior estadista que o País já teve - olhou pouco para cá. Getulio, em 20 anos, fez muito menos para o Estado do que Juscelino Kubitschek em cinco anos por Minas Gerais. Em 1930, quando lutamos contra a República do Café com Leite, o Rio Grande era o segundo estado arrecadador, perdia apenas para São Paulo, que havia algo em torno de 16% a 17%, tínhamos em torno de 10% a 11%. Hoje, São Paulo está com mais de 30% e nós em terceiro ou quarto lugar, com cerca de 6% a 7%. Há uma tradição dolorosa de que os governos não tratam o Rio Grande do Sul como ele merece.

**JC - Qual a maneira de se quebrar isso?**

**Simon** - A primeira coisa é o Rio Grande se entender. O Estado vem de uma disputa radical. Desde os maragatos e chimangos e das revoluções sangrentas.

**JC - Como o senhor vê esse movimento da intervenção da executiva nacional do PMDB em Santa Catarina?**

**Simon** - É incoerente. Em Pernambuco o PMDB quer Jarbas (Vasconcelos) para governador e apoia José Serra. Em São Paulo, o presidente nacional do partido fez um acordo com Orestes Quércia, que é presidente estadual. Lá o PMDB apoia Serra, Aloizio Mercadante (PT) para governador e Quércia para senador. E concordaram que em Brasília apoie Dilma para presidente e o candidato do PT a governador (Agnelo Queiroz). No Mato Grosso do Sul também o partido decidiu apoiar Serra e não aconteceu nada. Ou se toma uma medida que valha para todos, ou não faz nada.

**JC - E o PMDB gaúcho?**

**Simon** - Decidimos pela candidatura própria. Rejeitada, vamos nos reunir até as eleições e discutir o caminho. Nosso candidato a governador já disse que vai adotar a decisão que o partido tomar no Estado. E não se trata aqui, ao contrário de outras vezes, de alguém que é candidato a governador e busca se projetar como um nome nacional. Fogaça é um nome nacional. Em sua passagem no Senado, foi líder do MDB, vice-líder na Constituinte. E tanto na Constituinte quanto nos projetos mais difíceis no Congresso ele era relator e conseguia somar os partidos. E era uma forma escolhida por ele que terminaria sendo aprovada por unanimidade. Ele é o homem do entendimento. O Estado já pagou um preço nesses últimos anos, CPIs nos governos Yeda, Alceu Collares (PDT), Olívio Dutra (PT). As brigas atingiram um limite que chega à intolerância. Queremos um governo de entrosamento, com os mais capazes e responsáveis para governar o Rio Grande.

**JC - Serra terá o palanque de Yeda, Dilma terá o de Tarso. E Fogaça?**

**Simon** - O PMDB terá o palanque de Fogaça. Nosso palanque é do Rio Grande do Sul. Quem vai estar presente vamos ver depois, mas o palanque é do velho MDB e do velho PDT do Rio Grande.

**JC - A liberação do partido pode ser uma alternativa, na falta de consenso sobre Serra ou Dilma?**

**Simon** - Acredito que sim. É o que São Paulo adota quando o presidente nacional do PMDB é candidato a vice na chapa da Dilma, e Orestes Quércia é candidato ao Senado na chapa do PSDB. É evidente que estão liberando o PMDB de São Paulo para que tome as decisões.

**JC - E o senhor prefere o Serra ou a Dilma?**

**Simon** - Serra é um grande candidato, melhor que FHC. É competente, responsável, apaixonado. Mas não posso deixar de reconhecer que Dilma é a alma do governo Lula. E Lula se divide  em dois: com José Dirceu (PT) como chefe da Casa Civil, em que ficou à beira do impeachment, e com Dilma de chefe da Casa Civil, em que é endeusado, com a credibilidade em quase 80%.

**JC - E Marina?**

**Simon** - É uma santa, pura demais para o Brasil, que não tem condições para ter uma presidente com a seriedade, dignidade e correção da Marina. São grandes candidatos. Numa hora em que se fala tão pessimamente da classe política, temos para a presidência da República nomes da melhor qualidade. Duvido que não se dê nota dez ao comportamento, à dignidade e à responsabilidade deles.

**JC - Teremos um debate digno também?**

**Simon** - Já está acontecendo. Estão querendo inventar coisa (dossiês). Mas não se viu na boca do Serra nada que atingisse a dignidade da Dilma, e a recíproca é verdadeira. Ainda vemos a santinha da nossa Marina dizendo: “Deus me ama, ama o Serra e a Dilma”. É uma campanha digna e que fique assim até o fim.

**JC - O PMDB errou ao apoiar o PT ou indicando Temer para vice de Dilma?**

**Simon** - O primeiro erro foi o de não ter candidato. O segundo é que Temer não tem peso político. Está ligado ao grupo de (José) Sarney e Renan (Calheiros), que esteve oito anos com FHC, oito anos com Lula e quer ficar mais oito anos com Dilma. Não tem ideal, não tem partido. É cargo, vantagem. Isso é o mal tanto para FHC quanto ao Lula sob o argumento da governabilidade, de que se precisa maioria. O PMDB fez um acordo troca-troca. Trocou a dignidade por meia dúzia de cargos.

**JC - A candidatura do deputado Ibsen Pinheiro ao Senado será confirmada?**

**Simon** - Temos um grande candidato que é Rigotto. Ele iria ao governo, mas desistiu. No fundo foi bom, pois se fosse seria uma briga de governos: do PMDB contra o do Olívio, contra o da Yeda. Ele praticamente está eleito, é o candidato natural. A outra vaga estamos reservando para alguém que venha a participar da aliança. Mas até agora isso não apareceu. E o Ibsen aceita, apesar de não estar reivindicando e não ser obstáculo para que se faça entendimento com os partidos com quem dialogamos. Por exemplo, se o PTB vier a nos apoiar seria uma maravilha. Aliás, convidamos o senador Sérgio Zambiasi (PTB) para ser candidato a governador. Mas ele foi se afastando e, hoje, não é candidato a nada.

**JC - O PTB perdeu força com a saída do PPS. Isso favorece uma aliança com o PMDB?**

**Simon** - É o caminho natural. Tínhamos feito este acerto (de coligação) com Zambiasi, um ano atrás, que surpreendentemente falhou.

**JC - O PMDB pode acabar prejudicado mantendo duas candidaturas ao Senado? Seria melhor ter um candidato só?**

**Simon** - Uma candidatura é um desrespeito ao eleitor que tem direito a votar em duas vagas. Apresentar uma candidatura só, dar tempo dobrado e não ter dois candidatos não é a melhor atitude.

**JC - O senhor já falou que possivelmente não se candidataria mais. Essa continua sendo a sua definição?**

**Simon** - Em 31 de janeiro, daqui a quatro anos, quando estiver terminando meu mandato, é o dia que farei 85 anos. Primeira pergunta: estarei vivo? Na minha família ninguém chegou aos 85 anos. Nem meu pai, nem minha mãe, nem meus avós. O que farei com 85 anos é imprevisível.

**JC - A investida do deputado Eliseu Padilha para disputar o Senado deixou feridas?**

**Simon** - Padilha falava na possibilidade de disputar governo ou Senado, mas nunca levou adiante. O problema é que Padilha seria cogitado na hipótese em que o candidato a governador era Rigotto. Não queríamos Fogaça de candidato porque sabemos que há desgaste em renunciar ao mandato de prefeito. Então, nosso plano era que Rigotto fosse o candidato a governador. Nestas condições, Padilha falou de sua candidatura ao Senado. Mas, no momento em que Fogaça foi para governador e Rigotto ao Senado, o que ele falou foi que eram duas vagas e poderia ficar com a outra, essa que é para o Ibsen. Não houve disputa no partido.

**JC - Mas há disputa entre a “ala Padilha e ala Simon”?**

**Simon -** Tem gente que gosta do Padilha. É um belo companheiro, tem prestígio nacional, presidente da Fundação Ulysses Guimarães, um homem dinâmico e trabalhador. E tem gente que não gosta dele. Isso tem em todos os partidos.

**JC - E já está decidido quem vai suceder o senhor na presidência? Será Padilha?**

**Simon** - A única coisa que posso garantir é que não vou ser eu. Não tenho ideia (de quem vai ser). Como não havia consenso, fui ficando, ficando. Mas não ficarei mais.

## Perfil

Pedro Jorge Simon é natural de Caxias do Sul e tem 80 anos. Advogado e professor universitário, foi líder estudantil e vereador, a partir de 1960, em sua cidade natal. Em 1962, assumiu como deputado da Assembleia Legislativa, permanecendo por quatro mandatos, até 1978. Simon foi um dos líderes do MDB, partido de oposição ao regime militar e coordenou a campanha Diretas Já. Em 1986, venceu as eleições para o governo do Estado, que comandou de 1987 a 1990. Desde então é senador - seu atual mandato vai até janeiro de 2015. Nas eleições de 2006, foi eleito com 1.862.560 votos. No governo de José Sarney, foi ministro da Agricultura (1985 a 1986) e liderou o governo Itamar Franco no Senado, quando aprovou o Plano Real no Parlamento. Também teve sua atuação no Legislativo marcada pela CPI que levou ao impeachment do presidente Fernando Collor de Mello, no início dos anos 1990. Simon ainda coordenou a Comissão Parlamentar de Inquérito sobre os Anões do Orçamento. O senador é presidente do PMDB no Rio Grande do Sul.

 http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=31640&codp=25&codni=3